

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS

TEOLOGIA

MAIKON AUGUSTO SANTOS BRITO

**O REINO DE DEUS COMO MENSAGEM CENTRAL DA VIDA DE JESUS NA
PERSPECTIVA DE JON SOBRINO**

**GOIÂNIA
2022**

MAIKON AUGUSTO SANTOS BRITO

**O REINO DE DEUS COMO MENSAGEM CENTRAL DA VIDA DE JESUS NA
PERSPECTIVA DE JON SOBRINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Teologia do Instituto de Filosofia e
Teologia de Goiás como requisito parcial para
a obtenção do título de bacharelado em
Teologia

Prof. Orientador: Prof. Dr. Edson Matias Dias

**GOIÂNIA
2022**

FOLHA DE APROVAÇÃO

RESUMO

O interesse em refletir sobre a centralidade do Reino de Deus como mensagem central do anúncio de Jesus, nasceu do estudo da obra de Jon Sobrino. Trata-se de realizar um percurso hermenêutico libertador, de caminhar com o "Deus-Mistério" e de praticar o "Deus do Reino". O trabalho tem como ponto de partida e também como ponto norteador de reflexão as três vias propostas por Sobrino para a inteligência do Reino de Deus: (1) A "Via nocional", em que apresentar-se-á as noções de Reino de Deus vigentes nos contemporâneos de Jesus a partir da expectativa histórica dos escritos hebraicos e dos evangelhos sinóticos, (2) a "Via do destinatário do Reino", em que demonstrar-se-á que os destinatários privilegiados do Reino são os pobres, tanto os da época histórica de Jesus, como os de hoje e (3) a "Via da práxis de Jesus", em que será explanado o Reino como proclamação de palavras e manifestação de atos, o que denota, de certa forma, a sua irrupção.

Palavras-chaves: Reino; Via nocional; Via do destinatário; Via da práxis.

RESUMÉ

L'intérêt de réfléchir sur la centralité du Royaume de Dieu comme message central de l'annonce de Jésus basé dans l'oeuvre de Jon Sobrino. C'est la tentative de faire un parcours herméneutique libérateur, de cheminer avec le « Dieu-Mystère », et de pratiquer le « Dieu du Royaume ». L'ouvrage a comme point de départ et aussi comme fil conducteur, les trois voies proposées par Sobrino pour la compréhension du Royaume de Dieu : (1) "Voie notionnel", dans laquelle les notions du Royaume de Dieu prévalant chez les contemporains de Jésus à partir de l'attente historique des écrits hébreux et des évangiles synoptiques ; (2) "La Via du Destinataire du Royaume", dans laquelle il sera démontré que les destinataires privilégiés du Royaume sont les pauvres, tant à l'époque historique de Jésus qu'aujourd'hui ; (3) "La voie de la praxis de Jésus", dans laquelle le Royaume sera expliqué comme l'annonce de paroles et manifestation d'actes, ce qui dénote, en quelque sorte, son irruption.

Mots-clés : Royaume ; Voie notionnel; Itinéraire du destinataire ; Voie de praxis.

INTRODUÇÃO	7
1 O REINO DE DEUS: CATEGORIA CENTRAL NA PREGAÇÃO DE JESUS	9
1.1 A VIDA DE JESUS NO SEU CONTEXTO	10
1.1.1 A via nocional	14
1.1.2 Ocorrência da categoria Reino de Deus nos evangelhos sinóticos	15
1.1.3 Reino de Deus na visão hebraica e de João Batista	17
1.1.4 A relacionalidade do Reino de Deus	20
2 A PARCIALIDADE DO REINO DE DEUS	22
2.1 A VIA DO DESTINATÁRIO.....	22
2.1.1 O Reino pertence aos pobres	23
2.1.1.1 Os pobres na época de Jesus	24
2.1.1.2 Os pobres na América Latina	26
2.1.1.3 A implicação do Reino na cristologia latino-americana	29
3 O SIGNIFICADO DE REINO DE DEUS COMO BOA NOTÍCIA E SEU CONTEÚDO	33
3.1 A VIA DA PRÁXIS DE JESUS: O REINO DE DEUS EM PALAVRAS E ATOS ..	33
3.1.1 O Reino como <i>eu-aggelion</i>	34
3.1.2 Atitudes de Jesus que demonstram a irrupção do Reino	35
3.1.2.1 As parábolas do Reino	36
3.1.2.2 Os milagres	37
3.1.2.3 A expulsão dos demônios.....	39
3.1.2.4 A acolhida dos pecadores e o perdão dos pecados.....	40
3.1.3 O Reino de Deus e o Deus do Reino	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, desenvolvido com o tema Reino de Deus como mensagem central da vida de Jesus na perspectiva de Jon Sobrinho, tem uma grande relevância por ser a mensagem central no anúncio de Jesus. Assunto que gera muitas especulações e por vezes mal entendimento. Atualmente, encontram-se noções equivocadas que espiritualizam o Reino, más interpretações, levando a desencarnar a proposta evangélica, quando o mais correto seria assumir o seu caráter na caminhada de fé.

Diante dessa realidade, surgiu o interesse de realizar esta pesquisa. Percebemos que ela tem grande significado na vida de fé das pessoas que buscam vivenciar o Evangelho de Jesus Cristo, em um mundo cheio de desafios. Dessa maneira, a investigação tem a intensão de elucidar algumas noções que se elaboraram sobre o Reino de Deus, promovendo uma melhor acolhida da Boa Nova de Jesus Cristo.

Na percepção da urgência da temática para a atualidade e para o nosso fazer teológico, tomamos por base a teologia de Jon Sobrino, que nasceu em Barcelona, na Espanha, em 1938. Entrou para a Companhia de Jesus – jesuítas – em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Sua formação teológica transcorreu no espírito do Concílio Vaticano II e da Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM – em Medellín, Colômbia (1968). Doutorou-se em teologia na Alemanha em 1975. Por muitos anos, tem sido professor e conferencista em diversas universidades. Sobrino é solicitado para diversos congressos e palestras em vários países.

Para a nossa pesquisa, usaremos principalmente a obra de Jon Sobrino intitulada *Jesus, o libertador, I – A história de Jesus de Nazaré*. Também será nosso aporte outras obras do autor e comentadores, buscando fundamentar teologicamente o reinado de Deus.

No decorrer do trabalho, abordaremos as três vias propostas por Sobrino para a inteligência do Reino de Deus: A Via nocional, Via do destinatário do Reino e a Via da práxis de Jesus. Tentaremos entender o significado e a abrangência de cada

um desses caminhos na visão do autor, demonstrando, respectivamente nos capítulos tais vias, a atualidade dessa leitura.

No primeiro capítulo, será apresentado a Via Nocial como categoria central na pregação de Jesus, abordando as noções do Reino de Deus vigentes nos contemporâneos de Jesus, e isso, a partir da expectativa histórica dos escritos hebraicos e escrituras cristãs das primeiras comunidades.

No segundo capítulo, será abordado a parcialidade do Reino de Deus, analisando quem eram os destinatários desse anúncio. Tomaremos o Reino de Deus, na leitura de Sobrino, como uma noção parcial. Compreendendo o conteúdo do Reino como boa notícia. Jesus oferece o amor de Deus a todos, mas isto não impede que Ele tenha um destinatário específico ao anunciar a boa nova.

No terceiro capítulo, apresentaremos o significado do Reino de Deus e seu conteúdo que são compreendidos no Evangelho. Momento em que explanaremos o Reino proclamado em palavras e atos que demonstram a sua irrupção, e isso, através da Via da práxis de Jesus. Tal compreensão é de difícil apresentação e isso se dá por uma razão óbvia: Jesus, que usa tantas vezes a expressão Reino de Deus, tenta esclarecê-lo a partir de parábolas e ações, mas nunca diz com exatidão o que é esse Reino, apenas anuncia a sua proximidade por indicações e sinais.

Veremos que para Sobrino, quando essas vias citadas, não estão ativamente presentes na investigação, a noção de Reino se torna uma abstração. Essa abstração não ajuda a mostrar em que de concreto foi o Reino para Jesus, e pode ser perigoso quando se passa para segundo plano a dimensão prática do anúncio ou simplesmente se ignora as realidades importantes que Jesus quis indicar como mais importante.

Os passos aqui propostos para essa pesquisa, surgiram do estudo teológico em que sempre buscou abranger o ser humano em sua experiência encarnada e comunitária. Caminhemos, percebendo a necessidade de uma leitura do Reino a partir do dia a dia das pessoas. Os sinais do Reino serão possíveis de serem evidenciados através dos ensinamentos do Cristo, a partir de suas ações narradas nas Sagradas Escrituras e, depois, na vida dos cristãos.

1 O REINO DE DEUS: CATEGORIA CENTRAL NA PREGAÇÃO DE JESUS

O Reino de Deus constitui tema central para a cristologia latino-americana. Essa centralidade será aqui demonstrada a partir do esquema de pensamento da cristologia de Jon Sobrino (1938) com a Via nocional. Partiremos dessa categoria como teologia própria dos evangelhos sinóticos, da expectativa histórica do Reino de Deus nos Escritos hebraicos e Escrituras cristãs.

Jesus, em sua vida e missão, anuncia o Reino de Deus (cf. Mc 1,15), de modo que atribuía às suas atividades, opções, ao seu comportamento e até à própria morte, a relação viva existente entre Ele e o Reino de Deus. De modo particular, Jesus não se limita a afirmar a existência do Reino de Deus, pois Cristo anuncia com seu testemunho salvífico a grande novidade da chegada desse Reino: “ele vem já, agora”! (RUBIO, 1994, p. 34).

O Reino constituía o centro de toda a vida de Jesus (cf. Mc 1,15; Mt 4,23; Lc 4,43; 8,1). Como o semita não tinha preocupação em definir as coisas, provavelmente Jesus não se preocupou em definir o Reino de Deus (cf. RUBIO, 1994, p. 34-35). Entretanto, as referências ao Reino apresentadas por Jesus dão a possibilidade de vislumbrá-lo. Vemos isso, de maneira especial, nas bem-aventuranças, através da qual parece compor a imagem do paraíso, onde o bem vence o mal (cf. Lc 6,20-23; Mt 5,3-12). Como também no Pai-nosso, onde Jesus ensina a pedir pela vinda do Reino (cf. Mt 6,9-15; Lc 11,2-4).

Dessa forma, compreende-se que o Reino é a “resposta gratuita e admirável dada por Deus à nossa situação de alienação e ao nosso desejo de uma verdadeira libertação” (RUBIO, 1994, p.36). Isso expressa um profundo diálogo entre o divino e o humano. O dom divino é entregue ao ser humano que pode ou não, de acordo com sua liberdade de acolhê-lo. Assim, o Reino é um projeto divino dado por Deus ao ser humano (cf. Lc 12,32; 22,29-30; Mt 25,34; Mc 4,26-29) que possui a propriedade de ser um dom gratuito, pois trata-se de iniciativa divina, não pode ser produzido pelo ser humano, mas que deve ser acolhido e tornado projeto também humano, mesmo nas frágeis respostas dadas pelo homem.

Contudo, o Reino é dirigido àqueles a quem Jesus demonstrava mais atenção: os “pobres” (Lc 6,20; Mt 11,4-20), aos “pequenos” e às “crianças” (Mc 10,13-16; Mt 11,25-26) e aos “pecadores” (Mt 21,31; 9,12-13). O pobre era injustiçado, as crianças, os pequenos, tidos sem importância e os pecadores

desprezados e considerados sem possibilidade de salvação (cf. RUBIO, 1994, p. 36-41). Esses eram abandonados e marginalizados, mas eram sedentos de ter Deus por Pai, que enviara seu Filho como testemunha e salvação do ser humano. O Reino de Deus é uma realidade que se apresenta na tensão escatológica, ou seja, está se cumprindo porque “está no meio de vós” (Lc 17,20-21), mas ainda não plenamente manifestado, pois chegará “com poder” (Mc 9,1).

O Deus Verdadeiro, que se fez pessoa humana quer “misericórdia e não sacrifícios” (Mt 9,13). Assim, Jesus Cristo revela Deus que se fez carne e anuncia o Reino de Deus no meio do ser humano. Todavia, denuncia a desumanização causada pelo pecado do egoísmo e que muitas vezes justificam suas más obras dizendo fazê-las para Deus, quando na verdade portam-se como falsos deuses ou ídolos que querem sacrifícios para si. Portanto, compreende-se que Jesus Cristo é rico em misericórdia (cf. Ef 2,4) e Nele, Deus ofereceu seu amor divinizante (‘reinizante’) a quem o acolher na sua carne.

1.1 A VIDA DE JESUS NO SEU CONTEXTO

Os evangelistas tratam Jesus como alguém profundamente comprometido com a realidade do ser humano em seu contexto histórico e social, ou seja, na vida do povo, em cada alegria e sofrimento. Ele nasceu na realidade judaica, na qual nação, religião e raça, parecem se identificar. Um povo extremamente ligado à sua cultura. Entretanto, esse dado não o impediu de não só questionar as instituições de seu próprio povo, como também se colocar contra elas, mas no sentido de ressignificá-las. Assim, sua relação com Deus, com a religião e com as pessoas são sem precedentes. Tal postura causava divisões, transformações e renovação na maneira de lidar com vida de cada ser humano (cf. Mt 10, 34-39).

Jesus rejeita algumas tradições judaicas uma vez que tais comportamentos não respeitam o ser humano, tornando-se verdadeiro peso para o povo a ponto de oprimi-los em vez de trazer liberdade (cf. Mc 7,2-13; 7,14-23; Mt 12, 1-8). Desse modo, Jesus critica a Lei, coloca-se contra ela de modo a transgredi-la (cf. Lc 6,6-11; 10,1-6). Até mesmo incentiva a transgressão em Jo 5,1-18. Nesse trecho, Jesus expressamente manda o enfermo carregar sua cama em pleno sábado. Já em Lc 6,1-5, defende os discípulos que colhiam espigas para comer também em dia de sábado (cf. RUBIO, 1994, p. 49-61).

Os evangelistas mostram que Jesus se posiciona com verdadeira liberdade diante da Lei mosaica. Mas não de uma liberdade que só diga respeito a Ele, mas a todos. Jesus é tão livre que se posiciona de modo a revelar o verdadeiro significado da Lei (cf. Mt 5,17ss). Por isso, não idolatra o sábado, uma importante instituição expressa na tradição, uma vez que o que era para reconhecer a dignidade do ser humano o escraviza. Jesus, ao contrário, ressalta que “o sábado é que deve estar a serviço do homem” (Mc 2, 27-28).

Jesus põe abaixo o legalismo ao portar-se de maneira livre em relação à Lei. Desde que a Lei não tenha por objetivo fazer a vontade de Deus que ama o ser humano, e se ela não provoca a misericórdia (Mt 12,1-8), mas oprime e escraviza, ela não deve ser cumprida. Jesus prega uma lei na verdade e com princípios, que se traduzirão em atitudes, conduzindo o ser humano a Deus (FAUS, 1984, p. 57). “Jesus é bom e sempre ama a todos” (CNBB, 2010, n. 72). Portanto, a lei de Jesus é o amor (Jo 13,34) que não subjuga, não desmembra, não escraviza e nem deixa o ser humano desabrigado. Pelo contrário, a nova ‘lei’ apresentada é encarnada a ponto de se entregar livremente para fazer brotar a liberdade do e no amor de Deus (cf. RUBIO, 1994, p. 49-50).

Era no Templo que se configurava o centro da religião e economia judaica. Principalmente em Jerusalém. Uma das relações importantes que se dá entre Jesus e o Templo é em sua “purificação” nessa instituição. Vemos isso presente claramente nos quatro evangelhos (cf. Jo 2,13-22; Mc 11,11.15-17; Mt 21,12-13; Lc 19,45-46). Os relatos não deixam espaço para dúvidas. Nem mesmo o evangelista Lucas, que tem uma postura mais positiva ao Templo, deixa de citar a cena, ainda que bem resumida. (cf. FAUS, 1984, p. 72).

Desta maneira, compreende-se que o verdadeiro Templo é Jesus e que através d’ Ele é que se chega ao Pai, pois o Cristo é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Diante dessa afirmação, entende-se que a realidade do Templo foi desfigurada, pois servia-se antes à ganância dos vendedores que exploram a fé das pessoas, coisificando a realidade divina por dinheiro. Porém, Jesus intervém, mostra que o Templo será seu corpo. Jesus inclusive muda a realidade do sagrado e do profano, mostrando que o sagrado está “onde o homem adora a Deus em espírito em verdade” (RUBIO, 1994, p. 60). E por adorar, o anúncio vai revelando que é a postura de trazer no próprio corpo as marcas de Jesus. O novo Templo é o povo de Deus, que, por Jesus, vai tornando o Reino presente em sua irrupção nesse mundo.

Para a consciência cristã, baseada nas atitudes e palavras de Jesus, estava claro que o lugar de encontro com Deus era Jesus Cristo, bem como, o espaço humano (cf. RUBIO, 1994, p.60). Dessa forma, cada cristão é apresentado como templo do Espírito Santo (cf. 1Cor 6,19; 3,16-17; 2Cor 6,16). A comunidade cristã entendeu esse novo espaço do sagrado que se dá na sua união com Cristo, constituindo-se santuário santo (cf. Ef 2,19-22) e transbordando a ação divina na missão convocada.

Segundo Rubio (1994, p. 62-63), Jesus ao citar Os, 6,6 em Mt 9,13 “Eu quero misericórdia e não sacrifício”, coloca o peso de uma verdadeira práxis desejada por Deus, não na dimensão de sacrifícios (ritualistas), mas no campo da misericórdia das relações humanas. Trata-se de um novo culto, totalmente renovado.

Nos evangelhos, percebe-se que Jesus critica os sacerdotes. Nota-se tal crítica em várias passagens bíblicas. Por exemplo, na comparação entre a atitude de fé de Maria em Lc 1,38 e a de incredulidade de Zacarias (sacerdote) em Lc 1,5-22, bem como na parábola do “bom samaritano” (Lc 10,29-37) que revela uma postura reprovável por falta de misericórdia do sacerdote, em contraposição a do samaritano que ajuda o homem caído. Em todos esses momentos, transparecem verdadeiras críticas ao sacerdócio judaico.

Na carta aos Hebreus, compreende-se Jesus como sumo sacerdote, porque Ele é mostrado como solidário/participativo com os sofrimentos dos outros (cf. Hb 2,17-18). Por amor e obediência, Jesus entrega toda sua vida ao Pai, pelos irmãos. E sua morte se torna revelação de salvação definitiva por nossos pecados (cf. Hb 9,26). Ele se entrega aos seres humanos, oferece a si mesmo. Nesse sentido, é sacerdote e vítima, de modo que não há oposição entre o culto e a vida. O sagrado e aquilo que era visto como profano não se separam (cf. Hb 9,11-28; 13,16).

Com base nos evangelhos, constata-se de modo geral que Jesus busca ser próximo, amigo, elogiando e fazendo o bem a publicanos (cf. Mt 9,9; 11,19), samaritanos (Jo 4,5-43), prostitutas (Mt 21,31), leprosos (Mt 8,1-4; Mc 1,40-45; Lc 17,11-19), viúvas (Mc 12,41-44; Lc 7,11-17), crianças (Mt 21,15-16), pagãos (Mt 8,5-13) e ignorantes (pequenos) (Mt 11,25). Sabe-se que na cultura da época, também as mulheres não eram respeitadas. De forma muito livre, Jesus também recupera sua dignidade, acolhendo-as de diversas formas e tendo-as como discípulas (cf. Mc 15,41; Lc 8,1-13; Lc 8,43-49).

Com base nessas constatações, faz necessário ressaltar que essas pessoas eram desprezadas por não terem importância econômica e política ou por serem amaldiçoados por Deus devido à transgressão da Lei. Assim, tinham alguma pendência com a sociedade judaica, religiosa por natureza. Entretanto, Jesus não desprezava esses seres humanos. Ele optava desprezar a Lei, como sobredito, pois as acolhia com amor e atenção, sendo por isso criticado e mal-visto por escribas e fariseus (cf. Mc 2,16; Mt 11,19; Lc 15,1-2).

Diante da boa notícia trazida por Jesus, em palavras e atos, entende-se que o modo de vida do ser humano leva não diminui a importância de ninguém para Deus. tal consideração somente se encontra no ser humano que vive preso em seu próprio egoísmo e em preconceitos. Contudo, Jesus ao se compadecer desses grupos de marginalizados, muitas vezes considerados pobres de dignidade na sua própria sociedade, deixa claro o que importa a Deus é a pessoa, o ser humano. Por seu testemunho de vida e práticas, Jesus desvela ao ser humano o projeto salvífico de Deus, que rompe barreiras, falhas e pecados, pois Deus deseja a conversão de cada ser humano e sua salvação e não a morte do pecador.

Ao instruir o ser humano a chamar Deus de Pai, Jesus manifesta à humanidade que sua dignidade além de humana tornou-se divina. A intimidade de Jesus com Deus é uma relação de pai e filho. Na oração do Pai-nosso, ensinada por Jesus, percebe-se que a paternidade universal de Deus é explicitada (cf. Mt 6,9-13; Lc 11,2-4). Diante de uma relação simples e profunda, Jesus chama Deus de *Abba* (Mc 14,36), que segundo Rubio (1994, p. 73-74), a melhor tradução seria paizinho. A expressão *Abba* é conferida por Paulo em Romanos 8,15 e em Gálatas 4,6. Já em Lc 22,40-46 e Mt 26,36-46 o termo é pai e trata-se de uma relação de confiança e intimidade (cf. Mt 11,25-27).

Portanto, o Filho anuncia que seu Pai é pai de todos, que ama e se importa com todos (cf. Mt 6,1-4; 18,12-14; 23,9). Sendo assim, Jesus não apresenta sua relação de filiação com Deus de forma fechada, como se fosse um privilégio de poucos ou mesmo só Dele, mas uma relação de amor-filial para todo ser humano. Jesus eleva o ser humano a dignidade de filhos de Deus. Na vida do Filho, todos os seres humanos se tornam filhos de Deus.

1.1.1 A via nocional

Essa via procura “averiguar a noção de Reino que Jesus teve, cortejando-a de noções prévias em Israel” (SOBRINO, 1996, p. 109). Por meio dessa compreensão, se analisa os dados que especificam as noções de Reino nas Escrituras hebraicas e nos contemporâneos de Jesus como, por exemplo, João Batista, os zelotas, fariseus, tendo “como pressuposto a consciência histórica de Jesus e percorrer um caminho simples: parte da noção de Reino de Deus no Antigo Testamento” (BOMBONATTO, 2002, p. 217), indagando o que eles pensavam sobre o Reino.

De antemão, podemos perceber que o pensamento de Jesus sobre o Reino vem como herança da tradição judaica e também da noção de Reino anunciada pelo Batista, mas não só. Jesus, a partir de sua intimidade com o Pai e, olhando para a realidade de seus contemporâneos, acrescenta que a “chegada do reino de Deus é algo bom e sumamente bom [...] e que a chegada do reino é antes de qualquer coisa uma boa-notícia”. (SOBRINO, 1996, p. 121). E Jesus não só espera o Reino, mas testemunha sua aproximação que se faz iminente não apenas como objeto de esperança, mas na certeza constatável (cf. JEREMIAS, 1970, p.132).

Essa boa nova é articulada por Jesus com um dado radical da existência humana: seu princípio de esperança e sua dimensão utópica promete que a chegada do Reino já não será utopia, objeto de ansiosa expectativa (cf. Lc 3,14), mas *topia*, objeto de alegria para todo o povo (cf. SOBRINO, 1990, p.477).

Sobrinho ressalta que algumas tendências da cristologia moderna analisam o Reino de Deus como mensagem central de Jesus, “como também seu caráter escatológico e teológico” (SOBRINO, 1990, p.478). E, quando diz, em definitivo, o que é esse Reino, se fixam brevemente no seu destinatário para concluir que o Reino de Deus é salvação, mas quando espera alguma concretização do que seja essa salvação, simplesmente afirma que “a salvação oferecida pelo Reino ao homem se dá pelo amor de Deus que se autocomunica” (SOBRINO, 1990, p.478). Esse amor se manifesta como o sentido do ser, pois unicamente no amor, o homem e o mundo encontram plenitude. No amor se encontra a força contra a morte, o ódio e a injustiça, a irrupção do Reino.

A mensagem da chegada do Reino de Deus representa uma promessa para tudo o que se faz por amor no mundo e faz com que essa prática do amor tenha

consistência sempre. Devemos considerar ainda, que a aproximação desse Reino traz consigo certas exigências “Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Não compreendendo aqui o amor na sua forma romântica, como o faz a modernidade, mas o amor *prático*, vivido por Jesus de Nazaré e pelas primeiras comunidades cristãs. Trata-se de um amor encarnado. O Filho viveu esse amor entre nós e convoca para missão, na força de seu Espírito, os renascidos filhos de Deus.

Para Sobrino, a via nocional possui graves limitações e perigos se ela não passa pela superação das concepções abstratas, ritualísticas, etc. O Reino de Deus proposto por Jesus não corresponde ao que previamente estava na compreensão dos contemporâneos de Jesus. Naquele tempo, e ainda hoje, existe sempre o perigo de compreender o Reino de má forma. E isso pode ocorrer, pois a irrupção do Reino não é explícita. Dessa forma, é preciso ir além de determinações rígidas. O que ajuda a concretizar a universalização do conceito de Reino de Deus e a superar os equívocos é guiar sua determinação na consideração das outras vias, sendo elas a via do destinatário e da prática de Jesus.

1.1.2 Ocorrência da categoria Reino de Deus nos evangelhos sinóticos

A partir dos evangelhos sinóticos, podemos perceber o anúncio do Reino como tema central da proclamação pública de Jesus. Sob essa percepção é que os três evangelistas resumem a mensagem de Jesus e o apresentam num programa do que será a sua pregação.

Marcos enfatiza: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho” (1,15). Trata-se das primeiras palavras de Jesus, segundo o evangelista. Elas apontam para o horizonte último e suas consequências. Mateus também apresenta o início da pregação messiânica com as mesmas palavras (cf. Mt 4,17). Lucas dá início ao começo da vida pública de Jesus na sinagoga de Nazaré. Na referência a Isaías, Lucas faz a apresentação da boa notícia aos pobres e a libertação dos oprimidos (cf. 4,18) e o próprio Jesus relaciona a Boa Notícia ao Reino: “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado” (Lc 4,43)

Sobrino compreende essa apresentação inaugural de Jesus e do Reino nos sinóticos “com a clara intenção de em Jesus oferecer um sumário programático de sua missão” (SOBRINO, 1996, p. 106). Nesse sentido, se explica, segundo ele, o elevado número de ocorrências da expressão Reino de Deus nos sinóticos (cf. JEREMIAS, 1977, p. 54), quase sempre na boca de Jesus e em contextos variados de sua pregação: parábolas, discursos apocalípticos, exortação, exigências éticas e oração.

Notemos que o caso mais elevado de ocorrências do Reino de Deus é o de Mateus (cf. JEREMIAS, 1977, p. 54). Isso se deve ao fato do evangelista utilizar passagens relacionais. Em cinco casos, ele inseriu a expressão a partir do evangelho de Marcos (Mt 13,19; 18,1; 20,21; 21,43; 24,14). Em que dois dos casos, se encontram na explicação da parábola do joio e do trigo. Outra observação relevante, é que o evangelista privilegia a expressão “Reino dos céus”. Sobrino diz que:

a expressão é reconhecidamente um circunlóquio de Mateus para evitar, por respeito, o uso do nome de Deus significa exatamente o mesmo que Reino de Deus, e não tem uma conotação trans-histórica ou trans-temporal (SOBRINO, 1996, p. 106).

É possível perceber que o Reino de Deus está relacionado à pessoa de Jesus. “A partir desta perspectiva podem ser entendidas também as belas palavras de Orígenes ao chamar Cristo de *autobasiléia de Deus*, o reino de Deus em pessoa” (SOBRINO, 1996, p. 164). Quando Jesus afirma, “Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós” (Mt 12,28). Ele revela que nas suas ações e práxis se encontram os sinais do Reino que irrompe, inaugurando o tempo salvífico. Essa comprovação é feita a partir da prática de Jesus em sua historicidade, a partir de sua pessoa, pregação e morte na cruz. Não como simples soma de ações e atitudes históricas, mas ações e atitudes enquanto aparecem manifestadas em sua história concreta.

Pela constatação da forte relevância da expressão “Reino de Deus” nos evangelhos sinóticos, não se pode duvidar da centralidade histórica e teológica dele para Jesus. A categoria Reino de Deus é central na vida de Jesus e ele proclama o Reino de Deus e não a si mesmo. Decorre que “o tema central da pregação de

Jesus é a soberania real de Deus” (SOBRINO, 1996, p. 106). O anúncio eminente da vinda desse Reino.

1.1.3 Reino de Deus na visão hebraica e de João Batista

Para compreender as palavras de Jesus referentes ao Reino, é de grande importância saber quais eram as ideias que os homens de seu tempo ligavam à expressão Reino de Deus. Esse ponto Sobrino o apresenta a partir da Via nocional, ou seja, da noção de Reino de Deus nas Escrituras hebraicas atuantes no tempo de Jesus e a novidade que ele traz.

A expressão Reino de Deus, *malkuta Yhwh* ou *Basiléia tou theou* (respectivamente transliterações do hebraico e do grego) possui conotação apocalíptica típica. A relação de *Yhwh* com a realeza aparece com frequência nos Escritos hebraicos, como o testemunham os salmos régios (cf. Sl 2; 21; 45; 72; 89; 101;110) e a própria liturgia, pois quando Israel institui a monarquia, assume também os seus símbolos para expressar sua pertença ao Deus que o salvou Segundo Sobrino:

A aplicação da palavra rei a Javé não se sabe, exatamente, de quando data, mas o sentido é claro, desde o início: a partir dos acontecimentos salvíficos experimentados por Israel e atribuídos a Javé. Este é compreendido como aquele que possui domínio sobre Israel e sua história (SOBRINO, 1985, p.123).

A realeza de *Yhwh* e sua capacidade de intervir na história tiveram nuances quase imperceptíveis ao longo da história do povo de Israel. No período mosaico, acentuou-se o comando de *Yhwh*. Já no período dos juizes, sua exclusividade é na monarquia. A realeza divina tornou-se compatível com a do rei de Israel, que é adotado por *Yhwh*.

Com o fracasso da monarquia, que tem sua expressão mais traumática com o exílio e o cativeiro, o Reino de Deus passa a ser visto como futuro reino de justiça. Diante do pessimismo histórico, *escatologizou-se* o Reino de Deus e diante da apocalíptica, uniu-se o reinado de Deus com o fim dos tempos, mais atento ao conteúdo desse reinado tal como o desenvolveram os profetas.

A compreensão que se estabelece do Reino de Deus não é mais de um espaço geográfico, como uma realidade puramente política - embora expresse esperança num povo concreto. Não é uma realidade cultural ascendente. Israel só tem *Yhwh* por rei e expressa isso em sua liturgia. A apocalíptica universaliza essa expectativa, inclusive cosmicamente, com a esperança de uma renovação da realidade e com a ideia da ressurreição dos mortos.

Jon Sobrino, a partir da Via nocional, compreende o Reino de Deus a partir de “duas conotações essenciais: 1) trata-se do governo de Deus em ação; 2) para transformar uma realidade histórico-social má e injusta em outra boa e justa” (SOBRINO, 1996, p. 111). A partir dessas conotações, a melhor expressão para se referir ao Reino de Deus seria a de Reinado de Deus (cf. Sl 96,13), pois denota uma ação positiva, pela qual *Yhwh* transforma a realidade. Reinado de Deus é o que ocorre neste mundo quando é Deus mesmo quem realmente reina; é um agir segundo a vontade de Deus, nas palavras e ações dos homens e mulheres.

Uma “característica principal deste Reino é que Deus realiza o ideal régio da justiça (1975 *apud* JEREMIAS, 1996, p. 111-112). O Reino de Deus é, pois, uma realidade sumamente positiva, uma boa notícia, mas é também uma realidade enfaticamente crítica do presente mau e injusto e que vai se fazendo na medida em que os homens e mulheres vão assumindo o convite divino.

Ainda sobre o reinado de Deus esperado por Israel, Sobrino adverte que é necessário insistir em três pontos para compreendê-lo bem e evitar tergiversações. Primeiro, que o Reinado de Deus é incidência real na história dos homens, é esperança histórica. Um Deus que intervém com poder de mudar a realidade má e injusta. Segundo, a intervenção divina incide na sociedade e a transforma justamente com o povo. Para o plano individual da pessoa, Deus tem exigências e plano salvíficos. Terceiro, o Reino é boa notícia diante do anti-reino. Trata-se de uma realidade dialética e duelística e é contrária e exclui o anti-reino (cf. SOBRINO, 1996, p. 112-113).

João Batista anunciava a vinda iminente de Deus em termos de juízo, e não de Reino de Deus. Denunciava o pecado do povo e anunciava a vinda de Deus: a boa notícia como possibilidade de salvação no batismo, pelo qual anunciava algo de escatológico e esse algo era compreendido como a unificação de Israel. Sobrino diz que “o Batista, através do banho de imersão, congregava os penitentes para reuni-los num povo escatológico, a fim de salvá-los do veredicto de condenação no juízo

final (1975 *apud* JEREMIAS, 1996, p. 114). Ele aparece como um profeta que denuncia o pecado do povo e anuncia a vinda de Deus e seu juízo radical.

O conteúdo central do anúncio de João Batista é o futuro do homem e esse anúncio também está orientado em vista do futuro. Dessa forma, o presente possui consideração como possibilidade de penitência e o batismo expiatório. O futuro proclamado por João é caracterizado como juízo “insiste no jejum e anuncia que o reino vai chegar na forma de um grande julgamento”. (FERRARO, 2004, p. 90). A ira de Deus vem em resposta à situação de pecado, o batismo-purificação e a conversão são a última chance para sobreviver à condenação do juízo inevitável.

Com esse anúncio, João Batista associou a conversão ao castigo. Ele adverte que o tempo está se esgotando para Israel. E diz: “O machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não produz fruto será cortada e lançada ao fogo” (Mt 3,10). Com isso, presente e futuro estão estritamente próximos, a motivação que deve guiar a ação do presente é o juízo iminente. O futuro torna-se princípio e motivação para a ação.

Ao contrário de João Batista, Jesus anuncia o Reino, não só como futuro, mas como já presente. Ele faz do anúncio do Reino o centro de sua mensagem e não o juízo. Ele anuncia um Reino não como futuro, mas como já próximo (cf. Mc 1,15). Não compreende o presente como breve espaço de tempo destinado à conversão em favor da ira divina, mas é o tempo da esperança do reino, lugar concreto da ação de Deus. O presente é o “já” da plenitude do futuro, o “ainda não”, a reserva escatológica, o que a de vir. A vinda do Reino de Deus, anunciada por Jesus, vem como bondade, é possibilidade de salvação para o presente como lugar do futuro.

O que importa é que esta mensagem e a pessoa do Batista exercem uma grande influência no tempo e também no próprio Jesus. Prova disso é o fato de Jesus se deixar batizar por João Batista, algo histórico e garantido, segundo a reflexão de Sobrino (cf. SOBRINO, 1996, p. 115). Na relação entre esses dois personagens, resulta que Jesus toma de João alguns conteúdos para sua própria proclamação da vinda do Reino de Deus. Ele aparecerá como um profeta e anunciará a vinda próxima do Reino de Deus (Mc 1,15); assim,

anunciará a vinda próxima de Deus, destruirá as falsas esperanças nas prerrogativas de Israel, anunciará o juízo de Deus não só sobre os gentios, mas também sobre Israel; rejeitará os que confiam na sua própria justiça,

acolherá os pecadores notórios, abrirá sua pregação a todos (SOBRINO, 1996. p. 116).

Assim como o Batista anunciou, Jesus também anunciará esse Reino de justiça e esperança, um anúncio que faz parte de sua missão, dando continuidade na proclamação desse Reino começada por João Batista, mas agora com um futuro-presente de amor e misericórdia.

1.1.4 A relacionalidade do Reino de Deus

A relacionalidade do Reino de Deus toca na tese central de Jon Sobrino e perpassa toda a sua cristologia. É da afirmação do descentramento de Jesus que o teólogo afirma a relacionalidade do Reino de Deus. Ora, os dois estão intimamente ligados. Jesus é o mediador absoluto e definitivo do Reino de Deus. Desse modo, se estabelece uma correlação fundamental: para compreender o Reino é preciso ir a Jesus e para conhecer Jesus é preciso ir ao Reino (cf. SOBRINO, 1990, p. 576).

Nos preâmbulos de sua reflexão sobre esta temática, o teólogo salvadorenho afirma: “Jesus não fez de si mesmo o centro de sua pregação e missão. Jesus sabia, vivia e trabalhava a partir de algo e para algo distinto de si mesmo” (SOBRINO, 1996, p.105). A vida de Jesus foi uma vida descentrada e centrada em torno de algo distinto de si mesmo. O que é central nesta vida aparece, segundo os evangelhos, em duas realidades totalizantes: “pois com ‘reino de Deus’ Jesus expressa a totalidade da realidade e aquilo que é preciso fazer, e com ‘Pai’” (SOBRINO, 1996, p.105), que dá o sentido último de sua vida.

O Reino é assim compreendido a partir da noção que se tem de Deus. Por isso, João Batista e Jesus apresentavam de certa forma, diferentes percepções do que é o Reino. Para Jesus, Deus é aquele que se relaciona com a história, e a história se relaciona com ele. A razão desta compreensão de Deus tem suas raízes nas Escrituras hebraicas, em que Deus nunca aparece como um Deus em si, mas como um Deus para a história, como um Deus de um povo. Como aparece na frequente confissão de fé do povo judeu: “eu serei o seu Deus e vocês serão o meu povo” (Ez 11,19). Trata-se de um Deus que se dá à história e uma história que é convidada a ser segundo Deus.

Jesus no anúncio da conversão, o faz na categoria de discipulado. A conversão é uma mudança de atitude, à medida em que assume os valores do Reino. Quem nos revela esse modo de ser do Reino é Jesus. O Reino de Deus é uma boa nova que vem arrancar do mundo os valores pregados pelo anti-reino. Por isso, Jesus vai ter para com os pecadores uma atitude de acolhida e de perdão.

2 A PARCIALIDADE DO REINO DE DEUS

O Reino de Deus, na leitura feita por Sobrino, apresenta a boa nova com sua característica, parcial. Ela tem um foco, seu destinatário privilegiado são os pobres (cf. BOMBONATTO, 2002, p.222). Neste capítulo trataremos dessa parcialidade para determinar o que é o Reino de Deus a partir da via dos destinatários, compreendendo o conteúdo do Reino como boa notícia. Jesus oferece o amor de Deus a todos, mas isto não impede que Ele tenha um destinatário específico ao anunciar a boa nova.

2.1 A VIA DO DESTINATÁRIO

Sobrino classifica a Via do destinatário do Reino como suporte metodológico mais específico à teologia da libertação (cf. SOBRINO, 1990, p 488), pois ela parte da base. Do meio dos pobres e oprimidos é que se pensa a teologia como libertação desse mesmo povo sufocado pelo poder. Pois é preciso entender as Escrituras e seu significado a partir da dramática histórico-social atual.

O pressuposto fundamental dessa via é que o conteúdo e os destinatários do Reino se esclarecem mutuamente, ainda mais quando o destinatário não está determinado de maneira vaga e indiferenciada, mas de maneira concreta e, sobretudo, quando se pode conhecer a razão pela qual se é o destinatário do Reino. O que faz a análise do destinatário é concretizar o que é a utopia e a salvação. Ela concretiza também o que é o anti-reino, de tal maneira que não se pode universalizar a salvação nem fazer intercâmbio a qualquer opção dela, porque o destinatário é concreto, são os pobres, oprimidos.

Sobrino diz que a determinação exegética do destinatário do Reino de Deus não é uma novidade, pois já havia sido feita antes da reflexão cristológica da teologia da libertação e por outras teologias sistemáticas, como por exemplo, a de J. Jeremias, que afirmava claramente, em 1971, e, com certo matiz polêmico, quem eram os destinatários do Reino (cf. SOBRINO, 1990, p 488). Depois de analisar o anúncio de Jesus e a proximidade do Reino, o exegeta alemão disse que, com essa análise não se tinha explicado completamente o sentido da pregação da *basiléia*. Ao

contrário, não havia mencionado o seu traço essencial, que consiste no destinatário privilegiado.

A teologia da libertação toma muito a sério essa determinação exegética do destinatário do Reino e sistematiza a realidade dos pobres com base nos dados evangélicos. Pobres são uma realidade econômica e social: aqueles para quem viver é uma carga pesada pela dificuldade de estar na marginalização (cf. SOBRINO, 1996, p 125-126).

2.1.1 O Reino pertence aos pobres

Dizer que o Reino pertence aos pobres é dizer que ele é parcial. Como realidade teológica é universal, todos entram na sua dinâmica e a ele estão sujeitos, mas não de modo igual, pois favorece os oprimidos. A parcialidade do Reino de Deus está presente nas Escrituras hebraicas onde Deus se apresenta como Deus dos pobres e oprimidos e a ele se revela e liberta:

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo (cf. Ex 3,7-8).

A parcialidade se torna mediação essencial de sua revelação. É por meio da parcialidade para com os oprimidos que Deus revela sua própria realidade (cf. BOMBONATTO, 2002, p. 223).

Outro exemplo pode ser dado a partir da adesão de Israel pela monarquia. O rei esperado por Israel estará do lado do pobre e fará justiça, ou mesmo quando se pensou e almejou um juiz justo para ajudar os fracos a se defenderem, pois os fortes não precisam dele. Esta parcialidade é dialética, opta por uns em oposição a outros. Sobrino explica isso a partir de uma tipificação de dois grupos de pessoas encontrados nos evangelhos: uns são aceitos e outros rejeitados por Deus (cf. BOMBONATTO, 2002, p. 129-130). As Escrituras cristãs seguem essa mesma dialética, pois Jesus expressa essa contraposição. A importância de compreender como Jesus formula essa parcialidade está em identificar quem são os pobres para Jesus.

2.1.1.1 Os pobres na época de Jesus

Jesus compreende sua missão como dirigida a esses destinatários privilegiados, isso se torna claro no evangelho de Lucas. Nele é possível perceber a perícopes em que Jesus está na sinagoga de Nazaré:

Foi lhe entregue o livro do profeta Isaias; desenrolou-o, encontrando o lugar onde está escrito: 'O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos' (Lc. 4,17-18).

Com isso, é possível compreender a missão de Jesus em favor do Reino de Deus, no cuidado para com os mais necessitados. Encontramos no mesmo evangelho a resposta de Jesus a João Batista: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho (cf. 7,22). Outras perícopes evangélicas podem confirmar essa parcialidade e podemos considerar o cume dessa destinação quando Lucas afirma: Felizes os pobres, porque vosso é o reino de Deus (cf. Lc 6,20). Note-se que para Sobrino, "essas afirmações são fundamentais para nos introduzir no conteúdo do que é o reino de Deus" (SOBRINO, 1996, p. 124).

Para dizer quem são os pobres o teólogo salvadorenho recorre a J. Jeremias que os classifica com base nos evangelhos sinóticos em dois aspectos (cf. SOBRINO, 1996, p. 125). O primeiro deles identifica os pobres como aqueles que padecem sob algum tipo de necessidade básica em referência a Is 61,1s. São aqueles que não possuem o mínimo para suprir suas necessidades de alimentação, vestimenta e são desprovidos de meios para cuidar de suas enfermidades. São ainda os que estão presos, os estrangeiros excluídos pela sociedade, os que choram pelas injustiças sofridas pelo poder dominante e se sentem desprotegidos. Pobres são aqueles que se curvam diante da carga imposta por um peso real. Isso é caracterizado nos evangelhos por opressão. Os oprimidos são aqueles para quem sobreviver é uma carga insuportável.

O segundo aspecto apresenta os pobres como os relegados à periferia da sociedade, os chamados “pecadores públicos”: publicanos, prostitutas (cf. Mc 2,16; Mt 11,19; Lc 15,1), os simples e pequenos, os sem importância para a sociedade (cf. Mt 11,25). Pobres são os impedidos de participar da sociedade, àqueles a quem é negado o direito de ser sócios, símbolo de relações inter-humanas fundamentais e, com isso, ter o mínimo de dignidade.

Nos evangelhos não se encontra um conceito global e unívoco de pobres, para serem apresentados como destinatários do Reino. Como também não existe uma reflexão estritamente conceitual que responda às perguntas de hoje que são feitas para analisar a realidade dos pobres. A partir disso não se pode negar uma visão fundamental do que significaram os pobres para Jesus. O que Sobrino propõe é uma análise a partir dos textos evangélicos para entender hoje, histórica e teologicamente, o que se quer dizer por “pobres”.

Pobres não são todos os seres humanos, mas são os que estão em baixo na história, os oprimidos pela sociedade e segregados dela. Esse estar em baixo significa ser pobre economicamente, desprovido da auto-sustentação e de dignidade moral. Pobres são os que estão padecendo de morte lenta pela pobreza, os privados de dignidade social, fadados à própria miséria. São também os privados da dignidade religiosa por não serem capazes de cumprirem a legislação da religião. Jesus se compadece de misericórdia para com esses que dele se aproximam de mãos vazias quando os chama: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso” (Mt 11,28). A carga desses é compreendida como duplamente dura: “têm de suportar o desprezo público da parte das pessoas e, ainda por cima, a falta de perspectiva de um dia alcançar a salvação de Deus” (JEREMIAS, 1977, p. 176). É a esses pobres que Jesus se dirige e mostra sua predileção.

Ainda na identificação dos pobres da época de Jesus, Sobrino propõe uma caracterização dos pobres como grupo social. Nos sinóticos os pobres são sempre referidos no plural, não se trabalha numa perspectiva de pobres individuais, nem tanto da soma de todos eles, mas de uma realidade que se caracteriza em termos históricos. Esses são econômicos e sociologicamente pobres. O termo usado nas Escrituras cristãs para designá-los é *ptochos* (agachar-se, encolher). Esse termo é sempre designado para se referir aos aflitos e desprovidos economicamente. Em Jesus, nas Escrituras cristãs, o termo “pobre” é categoria sociológica.

De acordo com a classificação de Sobrino (cf. SOBRINO, 1996, p. 127). Há também os dialeticamente pobres. Os evangelhos falam de pobres e de ricos como grupos diferentes e contrários, mas na formulação das Escrituras cristãs não há tanta clareza e vigor como nas Escrituras hebraicas, onde essa contraposição aparece com mais força entre pobres e cobiçosos. Embora essa explicitação não esteja clara nos evangelhos, isso não exclui a ideia da continuidade do contexto das Escrituras hebraicas, pois “por trás desta compreensão ricos-pobres está implícita a dialética de classes do Antigo Testamento” (SOBRINO, 1996, p. 128). Nos evangelhos está a perspectiva de uma inversão, eles anunciam a sorte dos ricos e dos pobres, aos moldes do *Magnificat* (cf. Lc 1,51-55). Essa inversão que fazem os evangelhos só tem sentido “a não ser que continue vigente no Novo Testamento a compreensão da pobreza como um estado de opressão e injustiça” (SOBRINO, 1996, p. 128).

O Reino de Deus é desses pobres, conclui Sobrino, daqueles para quem é difícil viver uma vida digna, vivem sob o desprezo, são oprimidos, não encontram um horizonte de possibilidades, sentem-se abandonados por Deus, pois a sua sociedade os exclui por não possuírem formação religiosa e assim, são considerados homens sem educação, atrasados, pessoas sem piedade. A esses estava fechada a possibilidade de salvação por causa da ignorância religiosa e de seu comportamento moral (cf. JEREMIAS, 1977, p. 176). Esses pobres são os destinatários do Reino, é a partir deles que se pode lançar luz sobre que Reino Jesus pensava. Este é o Reino parcial, cujo conteúdo mínimo é a vida em abundância (cf. Jo 10,10) e a dignidade dos pobres.

2.1.1.2 Os pobres na América Latina

É claramente possível fazer uma analogia entre os pobres da época de Jesus e os pobres de hoje, presentes na América Latina, pois se trata de duas situações, a de Israel e a nossa, com a história comum de calamidade e opressão. Essa relação pode ser refletida a partir da opção preferencial pelo pobre que a Igreja da América Latina fez em suas conferências episcopais após o Concílio Vaticano II (1962).

A reflexão feita por Sobrino parte das afirmações de Puebla (1979):

os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus para serem filhos, esta imagem jaz obscurecida também escarnecida. Por isso Deus toma sua defesa e os ama (PUEBLA, 1980. N. 1142, p. 354).

Esses são os primeiros destinatários da missão de Jesus. Trata-se de uma afirmação fundamental e é “pedra de toque” para compreender o Reino de Deus e a missão da Igreja na atualidade. Essa missão tem sido desvirtualizada quando espiritualiza os pobres e os compreende somente como os mencionados em Mt 5,3 “felizes os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus”. Ou mesmo quando essa afirmação, pela preferencialidade dos pobres é eliminada equiparando pobreza com limitação metafísica, segundo a qual todos os seres humanos estariam incluídos na categoria de pobre.

Os pobres da América Latina analogicamente são os mesmos pobres da época de Jesus, no sentido em que sobrevivem na opressão. Aqueles que gemem sob a carência de necessidades básicas. Os pobres de hoje são os milhões de famintos, os desnutridos que veem toneladas de alimentos se transformarem em produto de exportação para países ricos, ou quando esse alimento é destinado à lata de lixo devido ao desperdício dos ricos. Os pobres de hoje são os nus, os forasteiros, os que são assassinados vítimas da violência, os que são presos arbitrariamente e sofrem em uma das áreas em que mais se viola os direitos humanos: a tortura e a brutalidade de policiais, pois o crime tem sido respondido pela polícia com espancamentos, esquadrões de morte na caça de suspeitos, muitos dos quais são adolescentes e crianças.

Os pobres da América Latina sentem o peso de um sistema econômico excludente, são os “zero econômicos”. São destinados à periferia, pois não contribuem para o crescimento econômico, não produzem e por isso estão desconsiderados sócio-economicamente, não entram em estatísticas de crescimento.

Por outro lado, os pobres de hoje são desprezados pela sociedade enquanto pecadores, não porque somente não cumprem os preceitos de religião, mas são marginalizados pela sociedade devido a sua condição moral. Também estão desconsiderados os subempregados, os que exercem profissões desprezadas como garis, catadores de material reciclável.

Como os pobres da época de Jesus sofreram diante do poder hegemônico, os pobres de hoje também padecem a situação de desvalorização humana. Jesus que visitou os pobres de outrora também visita os pobres e pecadores de hoje. A irrupção do Reino de Deus na América Latina é “já agora” e vem em favor dos pobres. Esse “já” da salvação oferecida pelo anúncio do Reino vem em gestos e palavras. Como os discípulos de Jesus puderam fazer a experiência da vinda do Reino, os discípulos de hoje também podem se sentir participantes do “já” do Reino anunciado por Jesus que os chama de “felizes” (cf. Lc 10,23), pois já é a irrupção do tempo salvífico. Os discípulos de hoje têm o privilégio não só de experimentar, mas também de proclamar o Reino de Deus junto com Jesus em palavras e atos.

O Reino de Deus anunciado por Jesus é o bom, o sumamente bom. Trata-se da boa nova que vem ao encontro de uma esperança popular no meio de inumeráveis calamidades. Esse Reino é também algo libertador, porque vem em meio a e contra as manifestações do anti-reino. O Reino de Deus “necessita e gera uma esperança que é também libertadora da compreensível desesperança historicamente acumulada deste fato: quem triunfa na história é o anti-reino” (SOBRINO, 1996, p. 113). Essa esperança é a novidade que o anúncio do Reino traz para o povo mais necessitado.

Sobrinho certifica que, nos sinóticos, os pobres são definidos por dois aspectos: econômico e social (cf. SOBRINO, 1996, p. 125). Econômico: sendo eles os que gemem sob algum tipo de necessidade básica: “os famintos e sedentos, os nus, os forasteiros, os enfermos, os prisioneiros, os que choram, os que estão oprimidos por um peso real (Lc 6,20-21; Mt 25,35 s)” (SOBRINO, 1996, p. 125).

Sobrinho constata outro tipo de pobre que é o social, que são desprezados pela comunidade,

os chamados pecadores, prostitutas (Mc 2,16; Mt 11,19; 21,32; Lc15,1 s), os simples, os pequenos, os menores [...], os que exercem profissões desprezadas[...]. Nesse sentido pobres são os marginalizados (SOBRINO, 1996, p. 125-126).

Nessa afirmação de Sobrinho, é possível constatar que os pobres são os destinatários desse anúncio do Reino. São àqueles que não possuem o fundamental da vida, desse modo, compreendendo o destinatário da boa nova, é possível

compreender a mensagem de Jesus e do Reino. Lembramos que se encontra esses destinatários nas bem-aventuranças, uma manifestação do Reino aos pobres.

O evangelista Mateus enumera oito bem-aventuranças (5,3-12), mas, de acordo com Ivo Storniolo (1990), a primeira é a locomotiva do trem que puxa os outros sete vagões “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus”, porque são os pobres as vítimas dos ricos e dos poderosos que não querem repartir os bens e os privilégios que Deus destinou a todos e que pertencem a todos.

Os pobres têm ao seu lado Deus, liderando-os na luta para reconquistar aquilo que lhes foi roubado. Não precisam depender da bondade e dos favores, mas apenas da justiça. E isso é o Reino. O Reino já lhes pertence. Quando no mundo reina a justiça, os pobres se sentem libertos e começam a gozar a felicidade, que Deus quer para todos (STORNILOLO, 1990, p.53).

Mateus não fala apenas de pobres, mas de “pobres em espírito”. Storniolo salienta que o evangelista não está se referindo aos que têm inteligência curta ou aos ricos que fingem ser pobres, mas, antes, está falando daqueles que descobrem a sua verdadeira condição diante de Deus, ou seja, daqueles que sabem que a vida e a liberdade dependem da partilha e da fraternidade, e que a felicidade está em repartir o que se tem e o que se é. Isto é a justiça que Deus quer: partilha dos bens e partilha da liberdade.

Não obstante,

são felizes os pobres, aqueles que sofrem, os que têm fome e são perseguidos, não porque sua condição encarne um valor, mas porque sua situação de injustiça representa um desafio à justiça do Reino messiânico. Deus, através de Jesus, toma partido deles (BOFF, 2008, p.27).

Assim, é possível perceber as bem-aventuranças nas palavras de Boff, pois os pobres que sofrem são os bem-aventurados.

2.1.1.3 A implicação do Reino na cristologia latino-americana

De acordo com Manzatto (2007), a Cristologia, desde cedo, foi um dos campos privilegiados da reflexão teológica da América Latina. Ela articula com bastante desenvoltura o centro da profissão de fé do cristianismo: a morte e a

ressurreição de Cristo com as questões contextuais da vida, da história e da realidade concreta dos povos. A cristologia aborda e relaciona os mais significativos temas peculiares ao continente: a eclesiologia e a realidade das comunidades eclesiais de base, a soteriologia e a questão da libertação e a opção pelos pobres e a mística do Reino de Deus.

A partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ou, por assim dizer, da eclesiologia da América Latina, surge uma nova Cristologia, uma inédita imagem de Jesus, a saber, a imagem de Jesus Cristo Libertador. Segundo Ferraro (2004), a origem está na prática dos cristãos inseridos nas lutas de libertação, que, reconstruindo a imagem de Jesus, mais em consonância com sua missão histórica, reinterpreta sua morte como consequência de uma vida voltada aos pobres e excluídos de seu tempo.

Essa nova Cristologia se desenvolve dentro do contexto da nascente teologia da libertação. Teologia nascida no espírito da Segunda Conferência Episcopal Latino-Americana, assevera Manzatto (2007). Que está profundamente relacionado a um método que é baseado no ver-julgar-agir, desenvolvido em anos anteriores pela ação católica.

Entretanto, os bispos reunidos em Medellín, na Segunda Conferência Episcopal Latino-Americana, diferentemente dos teólogos, não se preocuparam tanto em oferecer uma concepção cristológica específica, afirma Miranda (2018). Mas os bispos deixaram algumas afirmações sobre Jesus Cristo que indicam uma rica compreensão sobre sua pessoa.

Nessa conferência, é o mesmo Deus que na plenitude dos tempos envia seu Filho para que, feito carne, venha libertar todos os homens, de todas as escravidões a que o pecado os sujeita: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, a injustiça e o ódio, que têm sua origem no egoísmo humano (DOCUMENTO DE MEDELLÍN 1.3).

Para Miranda (2018), nessa afirmação, se manifesta a missão salvífica de Jesus Cristo, como a libertação da humanidade de suas consequências sociais malélicas, cuja origem está no “desequilíbrio interior da liberdade do ser humano, que necessita constantemente de conversão e que, à luz do Evangelho, saiba ser verdadeiramente livre e responsável” (DM 1.3).

Outra afirmação Cristológica oferecida no texto de Medellín diz respeito à pobreza vivida por Jesus Cristo:

Cristo, nosso Salvador, não só amou os pobres, mas também “sendo rico se fez pobre”, viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens (DM 14,7).

Sobre essa declaração, Miranda (2018) salienta que toda a vida de Jesus revela o rosto e a conduta do Pai para com a humanidade. Se toda a sua vida, com efeito, foi uma existência voltada para os mais pobres, carentes e marginalizados do seu tempo, então é certo afirmar que Deus prefere os excluídos da sociedade, de tal maneira que a opção pelos pobres está, teológica e cristologicamente falando, perfeitamente fundamentada, uma vez que foi primeiramente a opção do próprio Deus.

[a Cristologia] Tem também suas preocupações específicas, a do contexto latino-americano, marcado pela violência, pela pobreza e pela fé. Quer pensar, exatamente, a incidência dessa fé sobre a situação vivida e as possibilidades de sua mudança. Privilegia, pois, a ação dos cristãos, voltando-se para a prática da Igreja, e indicando caminhos, até de ação política, para que essa prática efetivamente transforme a realidade vivida e a aproxime da promessa do Reino de Deus (MANZATTO, 2007, p.29).

E Reino de Deus, salienta Sobrino (1983), é a expressão que designa o utópico do coração humano, ou seja, é a total libertação de todos os elementos que alienam e estigmatizam este mundo, como sofrimento, dor, fome, injustiça, divisão e morte. “No entanto, mesmo compreendendo isso bem, não poucos afirmam o Reino de Deus como ‘a outra vida’ somente, a ‘vida depois da morte’, que praticamente nada tem a ver com a forma de organizar o mundo e a sociedade atual” (MANZATTO, 2007, p.41). É esse o desvio ideológico denunciado pela Cristologia Latino-Americana.

O que torna possível a superação de todo espiritualismo é uma compreensão da ideia de Reino de Deus a partir da prática histórica de Jesus, de sua ação em favor dos pobres que viviam no contexto social da Palestina do século I, buscando a relevância para as situações atuais, salienta Manzatto (2007). Mesmo que tenham existido muitas críticas sobre a elaboração da Cristologia Latino-Americana, ela não perde o seu valor:

O que se faz é exatamente evitar que se reduzam Jesus e sua pregação a uma compreensão “espiritual” que o descontextualize. Guarda-se a

referência de Jesus a seu contexto e a incidência social de sua mensagem, o que permite, de um lado, uma melhor inteligência de sua vida, de sua ação e de sua pessoa e, de outro lado, um comprometimento cristão, visto como consequência necessária da opção de fé (MANZATTO, 2007, p.56).

Em suma, esse compromisso com os excluídos assumidos pela Igreja Latino-Americana é, deveras, a extensão da proclamação do Reino de Deus anunciado por Jesus de modo primário aos pobres, o qual, querendo salvar eternamente, não dispensou nem excluiu a dimensão imanente da história. Fundada nessa mensagem, a Igreja, assistida pelo Espírito Santo, continua essa ação libertadora no mundo até a salvação eterna dada por Cristo.

3 O SIGNIFICADO DE REINO DE DEUS COMO BOA NOTÍCIA E SEU CONTEÚDO

Como vimos acima, o significado do Reino de Deus e seu conteúdo são compreendidos no Evangelho de uma certa maneira, a um modo de indicação e não explicitamente. Essa compreensão não é coisa fácil e isso se dá por uma razão óbvia: Jesus, que usa tantas vezes a expressão Reino de Deus, tenta esclarecê-lo a partir de parábolas, mas nunca diz com exatidão o que é esse Reino, apenas anuncia a sua proximidade. Daí se deduz que nada se pode saber sobre o que o Reino de Deus, a não ser fazendo um percurso no Evangelho. Essa é a proposta para esse terceiro capítulo, seguindo a metodologia de Sobrino apresentar o entendimento do Reino a partir da Via da práxis.

3.1 A VIA DA PRÁXIS DE JESUS: O REINO DE DEUS EM PALAVRAS E ATOS

A via da práxis de Jesus compreende o que é o Reino de Deus a partir de sua prática e de sua pregação, ou seja, ela desvela o Reino em palavras e atos. Essa opção metodológica, segundo o teólogo salvadorenho, é justificada porque diz respeito às atitudes e às atividades que Jesus mesmo relacionou com o Reino. Explicitamente, Jesus expulsou demônios, pregou em parábolas e, implicitamente, celebrou o Reino com as refeições (cf. SOBRINO, 1996, p. 136).

Para esclarecer a importância desse ponto, há que se ressaltar, em primeiro lugar, a prática de Jesus. Para isso, Sobrino parte de uma pergunta lógica e hipotética: se Jesus pensou o Reino de Deus como algo que chega pronto e gratuito, por que não reduzi-lo ao anúncio e esperar confiante e passivamente essa vinda, aceitando a situação do mundo se em breve ela vai mudar? (Cf. SOBRINO, 1996, p. 136). Logo, relacionar a prática com o Reino de Deus e justificá-lo evangelicamente é necessário. O importante é perceber o que contribui da atividade de Jesus para a determinação do Reino e o que concretiza as ambiguidades de sua formulação em palavras.

3.1.1 O Reino como *eu-aggelion*

No anúncio do Reino, como vimos acima, Jesus não difere totalmente do Batista, no sentido em que, em certa medida, também fala da ideia do juízo. Entretanto, o específico do anúncio do Reino para Jesus é o *eu-aggelion*, a boa notícia. Em que consiste essa boa notícia? O bom, o sumamente bom. Mas isso não quer dizer que não existe a necessidade de uma conversão: “Deus se aproxima porque é bom e é bom para os homens que Deus se aproxime” (SOBRINO, 1996, p. 121). Deus aparece diretamente como salvação e a conversão é esse voltar do homem e da mulher para Ele, como resposta a sua proposta. A conversão nesse sentido vai em direção ao projeto Divino do Reino para o ser humano.

Nos sinóticos, a categoria *eu-aggelion* é tema central, ao mesmo tempo, possuindo diversos significados. Refere-se a Jesus e ao que ele traz (cf. Mc 1,1). Para Mateus é a boa notícia do Reino (cf. 4,23). Nos Atos dos Apóstolos, possui um sentido absoluto, significa favor de Deus (cf. At 20,24). Nos evangelhos, a boa notícia é o próprio Jesus, e o que Ele traz consigo que é o Reino de Deus. Não há como separar o Reino de Deus que Jesus anuncia e a boa notícia que o próprio Jesus traz. Em Paulo, seu sentido é mais restrito e se refere diretamente ao sofrimento, cruz e ressurreição de Cristo (cf. SOBRINO, 1996, p. 121).

Lucas evita falar de *eu-aggelion* em seus escritos e faz referência a ele somente duas vezes nos Atos dos apóstolos: uma vez em sentido absoluto (cf. 15,7) e outra qualificado como o favor de Deus (cf. 20,24). Mas usa de forma extensa o verbo “evangelizar”, no sentido de “levar a boa notícia”, remontando o seu significado em Isaias (cf. 61,1) “no qual estão mutuamente ligados os conceitos de profeta escatológico e de levar a boa notícia aos pobres” (SOBRINO, *apud* SCHILLEBEECKX, 1996, p. 122).

Nos evangelhos sinóticos, a boa notícia é o próprio Jesus. Em contrapartida, boa notícia é também o que ele traz: o Reino de Deus. Essa afirmação é possível porque não se pode separar o Reino de Deus que Jesus anuncia da boa notícia que o próprio Jesus é e traz em sua pessoa. “[...] às vezes aparecem unidos, inclusive linguisticamente, o “evangelho do reino de Deus”, e o reino de Deus como boa-notícia” (SOBRINO, 1996, p. 122).

O anúncio do Reino é algo verdadeiro, deve ser proclamado com alegria e produzir alegria. Se assim não o for, causa contradição e não é uma verdade, pois,

a alegria do evangelho enche o coração e a vida daqueles que se encontram com Jesus. Quando se deixam salvar por Ele são libertos do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. (FRANCISCO, 2013, p. 3)

O Deus do Reino deve expressar a esperança real de um povo que vive grandes dificuldades opressivas. Dizer que o Reino é boa notícia, é dizer que Deus se aproxima por bondade ao ser humano. O anúncio da boa notícia é marcado pela alegria.

3.1.2 Atitudes de Jesus que demonstram a irrupção do Reino

Nesse ponto, especificaremos a via da práxis, ou seja, como Jesus, através de sua prática e de sua pregação, desvela o que é o Reino de Deus. A práxis de Jesus deve ser vista em sentido amplo, ela diz respeito às diversas atividades de Jesus. Sobrino diz que o Reino é uma realidade que gera a necessidade de corresponder com esperança tal proposta, pois sem esperança não se compreende a sua realidade. Não se trata de esperança como mera expectativa de sua vinda sem uma prática. É necessário observar que tipo de expectativa Jesus tinha e gerava. O Reino não é só um conceito, como diz Sobrino:

que o 'reino' não é só um conceito 'de sentido', neste caso, de esperança, mas é também um conceito 'práxico', que conota a colocação em prática do que compreende dele, quer dizer, a exigência de uma prática para iniciá-lo, e ao fazer isso, gera uma melhor compreensão do que é o reino (SOBRINO, 1996, p. 136).

Para fazer o Reino acontecer, é preciso colocar em prática aquilo que se compreende da missão de Jesus. Ele que não só anunciou, mas praticou o que anunciava, vivenciando o Reino em palavras e ações, como veremos em seguida.

3.1.2.1 *As parábolas do Reino*

Jesus anunciou o Reino em parábolas. Para entendermos a especificidade desse anúncio e da compreensão do Reino que ele veicula é necessário estar ciente do que são as parábolas: método pedagógico utilizado por Jesus na instrução de seus seguidores. A palavra grega “parábola” significa colocar uma coisa ao lado de outra, para fazer uma comparação (cf. STEIN, 1969, p.1112). Pode ser uma história verdadeira, tirada da vida corrente, a fim de ilustrar uma verdade, um dever ou um ensinamento. As parábolas de Jesus são histórias terrestres – da vida cotidiana do povo com um sentido celeste, que indicam-sinalizam o Reino.

De acordo com a interpretação de Sobrino, as parábolas são relatos interpelantes e polêmicos acerca do Reino (cf. SOBRINO, 1996, p. 153). Elas falam do Reino, mas não o definem, são metáforas. Por exemplo, Jesus começa dizendo: “A que podemos comparar o Reino de Deus?” (cf. Mc 4,30). Outras vezes começa assim: “O Reino de Deus é semelhante a...” (cf. Lc 13,21) ou, “o Reino de Deus é como” (cf. Mt 13,24). Normalmente o início é de uma história aparentemente ingênua que, quase sempre, causa nos ouvintes a surpresa, que os provoca e interpela.

O teor desses relatos exige atenção e interpretação do ouvinte, pois trata-se de um conteúdo aberto, que pede uma tomada de posição: aceitar ou não a proposta do Reino. A mensagem central das parábolas é a afirmação de que o Reino de Deus é para os pobres, os que estão esquecidos. Isso está de acordo com a prática de Jesus, que mostra o Reino de Deus se aproximando dos pobres e marginalizados, o que significa que ele é parcial e por isso causa escândalo (cf. SOBRINO, 1996, p. 151), pois os pobres e marginalizados esperam em Deus com alegria e sem medo.

Com os mestres da época, Jesus contou muitas parábolas. Partindo sempre de situações concretas que às vezes são indicadas no relato: “O reino de Deus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado” (Lc 13,20-21), como o semeador (cf. Mt 13,4-8), um pai de família que distribui a herança com seus filhos (cf. Lc 15,11-32) ou como um pai que manda o filho maior trabalhar na vinha e a seguir manda o filho caçula (cf. Mt 21,28-30).

Essas histórias colhidas a partir do cotidiano da vida do povo apontam para a virada que o Reino de Deus inicia na história e as atitudes necessárias para tomar

parte nele. Trata-se de uma reviravolta dos valores da sociedade: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos, o servo de todos” (Mc 9, 35). Num mundo onde todos querem ter *status*, Jesus diz: “o maior seja servidor”.

Em outras parábolas, os ouvintes são os adversários de Jesus, que criticam sua parcialidade com os pobres e pecadores. Na parábola da ovelha e da drácula, Jesus acolhe os pecadores e come com eles (cf. Lc 15,2). Na parábola do publicano, ele se dirige aos que se tinham por justos (cf. Lc 18, 9). Na dos dois irmãos, ele se dirige aos sumos sacerdotes e anciãos (cf. Mt 21, 23).

Por fim, as parábolas acentuam que a vinda do Reino aponta para uma necessária conversão. Geram mudanças e esperanças no Reino que se aproxima (cf. SOBRINO,1996, p. 156), mas para se compreender as parábolas, sobretudo as parábolas do Reino é necessário um coração disposto, humilde, arrependido e preparado para receber a palavra com fé.

3.1.2.2 Os milagres

Para Sobrino, os milagres de Jesus são sinais anunciadores da presença do Reino (cf. SOBRINO,1996, p.137). Mas antes de iniciar um discurso sobre esses feitos messiânicos, há que se perguntar sobre o que são os milagres. Para a cultura ocidental moderna, eles são uma violação das leis da natureza, expressão de um poder sobrenatural. Nas Escrituras hebraicas, eles não são importantes pelo que possuem de sobrenatural, mas pelo que possuem de ação salvífica de Deus (cf. SOBRINO,1996, p.140).

Nas Escrituras cristãs, os milagres se referem ao Reino de Deus em primeiro lugar. São sinais da proximidade do Reino, geram esperança e salvação. Eles não tornam real o Reino de Deus enquanto transformação total da realidade, mas são clamores que indicam a direção correta do que será o Reino em seu advento e que é preciso iniciar o caminho.

Notamos que o ambiente em que aconteceram os milagres é de opressão. Eles são sinais benéficos, sinais libertadores, que ocorrem em uma história onde se dá a luta entre Deus e o maligno, pois para o judeu a enfermidade significava estar sob o domínio do mal. Sobrino também abrange os milagres como sinais de salvação plural em favor dos pobres (cf. SOBRINO, 1996, p 139). O teólogo

salvadorenho explica a noção de salvação plural indicando que o ato de salvar é curar, perdoar, libertar por meio de ações que afetam o corpo e a vida.

Em relação à dimensão cristológica dos milagres, Sobrino aponta-os como atos de misericórdia de Jesus, pois os milagres deixam claro essa dimensão fundamental presente em sua pessoa. A misericórdia de Jesus vem de encontro à dor dos pobres, dos fracos: “Assim que desembarcou, Jesus viu uma grande multidão e, tomado de compaixão, curou seus doentes” (cf. Mt 14,14). Sentiu também compaixão de um leproso, movido de compaixão, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: “Eu quero, sê purificado” (Mc 1,41). Respondeu ainda com a cura a alguém que lhe implorava: “tem misericórdia de mim” (cf. Mt 20, 29-30; 15,22; 17,15; Lc 17,13). Como diz Sobrino, “Jesus se sente profundamente comovido com a dor alheia, reage diante dela salvificamente e faz dessa sua reação algo primeiro e último, critério de toda a sua prática” (SOBRINO, 1996, p 140).

A misericórdia de Jesus é uma reação-ação. Não se trata de um mero sentimento passageiro, gerado pelo que se depara diante de si, mas de uma atitude prática fundamental. O que Jesus quer com essa atitude é definir o homem como ser movido por misericórdia. Esse homem revelado em Jesus é exemplificado na atitude do samaritano que age movido por misericórdia. O próprio Deus é compreendido como misericórdia, pois o Pai age por misericórdia (cf. Lc 15,20). A misericórdia, compreendida a partir de Jesus, tem a ver com o que há de último, que é Deus. É algo teológico e não simplesmente ético.

Os milagres são relacionados à fé daqueles que são curados. Às vezes, a fé aparece como condição para que o milagre aconteça (cf. Mc 5,36). Em Nazaré, Jesus não pôde fazer milagres por causa da falta de fé. A repetida sentença, sua fé te curou chama a atenção (cf. Mc 5,34; Mt 9,28; Lc 17,19), e nos faz lembrar da abertura do homem e da mulher no processo de conversão.

A novidade que aqui se encontra, e que Sobrino ressalta, é que a fé não tem nada a ver com aceitações doutrinárias, nem sequer com a confissão cristológica relacionada a Jesus. Fé tem a ver com Deus. “É a aceitação e a convicção profunda de que Deus é bom para com o fraco e com essa bondade pode e há de triunfar sobre o mal” (SOBRINO, 1996, p 143). Essa fé tem seu próprio poder. Essa fé tem a ver com Jesus, mas não é fé nele, mas uma fé através dele: Jesus possibilita a fé. O específico dos milagres de Jesus era curar a condição humana, possibilitando que

o ser humano adentrasse na dimensão do Reino e também fosse presença durativa para tantos outros que sofriam.

Num mundo marcado pela descrença em Deus e pela crença nos valores materiais, é trabalho do cristão convicto e, sobretudo dos pastores, levar aos pobres essa fé que Jesus ensinou. Levar aos pobres a fé, a confiança em si mesmos, possibilitar que sejam instrumento de mudança, de transformação. Hoje é muito comum os ricos descarregarem os seus supérfluos, transformados em cestas básicas, em cima dos pobres como um desencargo de consciência. Melhor seria se, além de seus despojos, levassem também a fé, a esperança na geração de outro mundo possível, por atos e palavras, sendo também presença transformadoras das situações opressivas.

Como apontado acima, podemos dizer que os milagres não trazem a salvação global para a realidade oprimida em um passe de mágica, mas são sinais concretos da proximidade de Deus que vem através do Reino gerando esperança e salvação. A importância cristológica dos milagres consiste em mostrar uma dimensão fundamental de Jesus: a misericórdia (cf. SOBRINO, 1996, p 139), possibilitando o desdobramento do Reino que sempre vem.

3.1.2.3 A expulsão dos demônios

As expulsões de demônio realizadas por Jesus mostram que, com a irrupção do Reino de Deus, chegou a vitória sobre o maligno. A realidade do maligno é a dimensão última do anti-reino.

Para clarificar esse ponto chave na compreensão do Reino, Sobrino recorre à convicção comum que se tinha tanto nas Escrituras hebraicas, como nas escrituras cristãs de que o mundo estava povoado por forças desconhecidas, presentes na vida do povo e que lhes eram prejudiciais. Estava impregnado na mentalidade da época, uma espécie de demonologia. Esses demônios agiam através de enfermidades e do domínio da pessoa, tomando o seu corpo e dirigindo seus atos. Diante deles, os homens e as mulheres se sentiam impotentes e indefesos.

Sobrino faz uma analogia entre os pobres e endemoninhados da época com os pobres e endemoninhados na América Latina hoje (cf. SOBRINO, 1996, p 145),

onde não só existem calamidades e situações que bradam aos céus, mas também o sentimento de indefesa e impotência. É similar à narrativa no Evangelho, a impotência que os pobres hoje sentem diante da doença, da injustiça, como também de calamidades socioeconômicas que lhes são impostas e diante das quais sentem-se fracos e sem esperança.

A expulsão dos demônios mostra que o Reino de Deus se aproxima diante de um anti-reino, e que essa vinda é tudo e supera qualquer noção ingênua e/ou pacífica. O Reino vem para vencer o anti-reino, para plantar a esperança nos corações esmagados, derrubar os poderosos de seus tronos, exaltar os humilhados, cumular de bens os famintos e despedir os ricos de mãos vazias (cf. Lc 1, 52-53). Para Sobrino, a expulsão dos demônios expressa que o anti-reino é realidade de exclusão. O Reino vem contra o anti-reino, travando luta entre seus mediadores, discípulos e discípulas de Jesus e o demônio.

3.1.2.4 A acolhida dos pecadores e o perdão dos pecados

A acolhida dos pecadores na compreensão de Sobrino possui um duplo significado e que incide na vida do ser humano. Trata-se da libertação de si mesmo e da situação de marginalização. Um sinal de acolhida se dá na presença de Jesus no meio dos pobres. Jesus aparece com os pecadores em muitas cenas nos Evangelhos. Come com publicanos (cf. Mc 2,15-17), fala com uma prostituta, se deixa tocar por ela e come em casa de um fariseu (cf. Lc 7,36-50). Hospeda-se na casa de Zaqueu (cf. Lc 19,1-10) e fala com uma samaritana a beira do poço (cf. Jo 4,7-42). Jesus simplesmente acolhe, não se mostra como juiz. Nas parábolas, ele fala em sair em busca do pecador para salvá-lo (cf. Lc 15,4-10; Mt 18,12-14). E culmina com uma afirmação dura: os publicanos e as prostitutas precederão os piedosos no Reino de Deus (cf. Mt 21,31).

Jesus não perdoa de imediato os pecados, mas, antes, demonstra acolhida aos pecadores. Em duas perícopes, ele concede o perdão: ao paralítico (Mc 2,10) e para a mulher pecadora que unge os seus pés (Lc 7,48). Jesus não se apresenta simplesmente como taumaturgo nas curas e nos exorcismos, quando expulsa os demônios, nem tem como centro de sua mensagem um absolvidor de pecados. Jesus faz mais que isso, acolhe o pecador e anuncia para ele uma mensagem de

salvação, proclama o Reino de Deus, pois a vinda do Reino é antes graça do que juízo. Os pecadores não devem sentir medo da vinda do Reino, mas devem acolhê-lo no coração. É o dom gratuito e a acolhida que devem ser entendido essa boa notícia.

Sobrino esclarece que o pecador no Evangelho é compreendido em duas tipificações (cf. SOBRINO, 1996, p 149). A primeira delas é a do pecador em linguagem atual, aquele que é opressor, coloca fardos pesados às costas dos pobres, os *'anawin*, aqueles que se curvam ante o peso do fardo do opressor que pratica a injustiça, é impiedoso com o seu semelhante. A segunda tipificação é a do pecador por fraqueza, o legalmente pecador, peca sob o domínio do opressor. Jesus oferece salvação a todos e para todos tem exigências, mas de maneira diferente. Do pecador opressor, ele exige conversão radical, que deixe de oprimir. Dos outros, exige aceitação de que Deus não é como foi introjetado por seus opressores e pela religiosidade imperante, mas que é verdadeiro amor. Deus não vem para condenar, mas para salvar. Dessa forma, o anúncio é de exultação, pois os pecadores devem sentir alegria com a vinda do Reino. O Deus que vem é de ternura. Ele vem ao encontro do pecador para salvá-lo.

A acolhida de Jesus é libertação. O perdão é perdão-acolhida, que acentua a graça, o amor incondicional de Deus. A acolhida é libertadora, pois devolve a dignidade aos desprezados e marginalizados pela sociedade. O gesto de Jesus é de amizade, sinal primordialmente humano-divino de aproximar-se, e que traz libertação, pois em si supera a separação e a oposição entre os seres humanos e Deus. O *'aproximar-se'* ou *'deixar que os outros se aproximem'* é próprio de Jesus: Ele vai ao encontro de grupos desprezados de seu tempo: crianças, mulheres, leprosos a fim de lhes devolver a dignidade. Sua mediação é acolhida concreta que eleva homem e mulher dando a eles a dignidade de filhos de Deus.

A acolhida e perdão dos pecados são revelações da irrupção do Reino de Deus, que vem contra as manifestações do anti-reino, que é exclusão. Os adversários de Jesus se indignam do porquê Ele comia e conversava com os pecadores. O que causava escândalo os *'sábios e entendidos'* era a parcialidade e a gratuidade de Deus. Tal atitude de Jesus abalava profundamente a concepção religiosa da época. Esse dom gratuito anunciado era a forma que Jesus tinha de dizer que o Reino de Deus se aproxima como Boa Notícia.

A acolhida e o perdão de Jesus aos pecadores demonstram a delicadeza de Deus para com o ser humano, era sinal da vinda do Reino, forma de mostrar o seu poder divino, poder-doação. Por exemplo, a expressão sua fé te curou (cf. Lc 8, 48) anuncia profundamente essa delicadeza de Deus e mais, mostra que Deus salva a partir de dentro, criando novas relações. O poder com que se aproxima o Reino é um poder re-criador, não é mágico, mas é a ação de Deus que quer transformar tudo, corpo, coração, relações, dando força para que o próprio ser humano se transforme verdadeiramente e se torne filho de Deus.

Os milagres, a expulsão dos demônios e a acolhida aos pecadores provocavam e provoca escândalo. Os inimigos de Jesus, e assim do Reino, se revoltam com sua atitude acolhedora, mas se nota que a revolta maior era por ele oferecer o perdão de forma independente das prescrições cúlticas da Lei. A acolhida aos pecadores não acontece de acordo com os critérios religiosos da religião judaica da época. Fariseus, saduceus e elites ligadas ao templo impunham a necessidade de oferecer sacrifícios e purificações. Jesus rompe as tradições e apresenta nova proposta. Oferece uma nova imagem de Deus que causa escândalo a esses 'piedosos'. Essa imagem apresentada por Jesus quebra com o imaginário do que era mais sagrado para o povo: o cumprimento da lei, os sacrifícios e a manutenção da tradição abraâmica.

Por esses sinais, Jesus apresenta o Reino de Deus que se aproxima como dom, gratuidade absoluta do amor de Deus. A irrupção desse Reino-gratuidade demonstra que Deus vem por amor e não como resposta a ação dos homens. Deus é amor em primeiro lugar e não um pai retribuidor. Ele não se opõe à ação dos homens que demonstram sinceridade e convida à conversão amorosa a seu projeto. Deus tem o poder de recriar e oferecer forças para que o ser humano possa se transformar a partir de seu interior, retomando o caminho que estava obscurecido pelas tradições humanas, criando um novo mundo.

3.1.3 O Reino de Deus e o Deus do Reino

Como vimos acima, o Reino de Deus é relacional. Isso significa que Jesus anunciou o Reino e que Deus é revelado a partir dessa dinâmica da Boa Nova. O Reino é onde está Deus e Deus é compreendido a partir do que seja o Reino. Dessa

maneira, Deus é visto a partir do Reino e o Reino é visto a partir do que seja Deus (cf. SOBRINO, 1996, p 197). Não se trata de um deus que exige culto, mas de uma inserção numa nova dinâmica: adentrar no caminho da plenitude.

A partir dessa relacionalidade do Reino, Sobrino quer afirmar que o Reino é de Deus e Deus é o Deus do Reino. Ele se apresenta no Reino e pode ser compreendido a partir de tantos elementos de sua ação salvífica que tentamos apresentar até aqui. O Deus que se mostra no Reino é o Deus da vida, nitidamente o Deus da vida dos pobres, das vítimas, dos abandonados e dos excluídos.

A partir daí, se recupera a imagem de Deus compreendida em Jesus, na sua relação pessoal com Deus. Isso Ele expressou de muitos modos, na sua forma de se dirigir a Ele como *Abba*, como também na sua forma de rezar e de se referir ao Pai nas parábolas. Sobretudo, o Deus do Reino é bom, o sumamente bom. É o Deus que se inclina amorosamente e acolhe o pecador como o expressa magistralmente Paulo, “Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. tornei-me tudo para todos a fim de salvar alguns e a todos” (1Cor 9,22). Jesus alimenta os famintos, não só de pão, mas também com sua palavra de esperança, é o Deus da ternura, de alegria, um Deus que anseia um reino para os pobres e Ele mesmo é a realização desse Reino.

Sobrino, ao apresentar esse Deus, demonstra que não é um deus-objeto, o qual se pega para si, num acesso volitivo. É um Deus que vem e vem como mistério, vem na sua razão de ser e se dá na gratuidade. Deixa-se encontrar pelo pequenino e não se esconde dos que o buscam. É também um Deus justo, que defende o pobre e não se submete ao anti-reino. O Deus dos pobres se apresenta como o Deus menor, ou melhor, se faz menor, porque “esse Deus menor é definitivamente um Deus maior, é a utopia que, a partir do futuro, continua dando esperança e animando sempre a construir o reino da vida justa para os pobres.” (SOBRINO, 1996, p 201).

Jesus vem para apresentar esse Deus e manifestar o seu projeto. A sua utopia, que é o Reino, é o seu sonho, a causa da sua vida, o centro da sua mensagem. O absoluto, o que move Jesus é o Reino, a utopia, a causa pela qual viveu e morreu. Tudo isso não é uma teoria sem consequências práticas, mas rejeição de um cristianismo que tem sido muito comumente mal interpretado e vivido: um cristianismo centrado e fechado em Jesus numa dimensão espiritualista, em um ‘Jesus’ inacessível, sem Reino, sem projeto, sem utopia. Um Deus para uma

espiritualidade desencarnada, rejeitando ou negando o mundo e seus desafios como o caminho a construir: o amor-justiça na história.

A teologia da libertação, desenvolvida em nosso continente, não só abdica desse tipo de cristianismo desencarnado, que adora um Deus distante e sem Reino, como também, com base na narrativa dos evangelhos, apresenta um Jesus humano, fortemente engajado no âmbito da vida concreta, lutando em favor dos oprimidos e injustiçados. Ele oferece o seu Reino aos pobres, a proposta de 'um novo mundo', não simplesmente lá nos céus, mas um Reino que quer vida em abundância a todos.

Assim, não há como negar, que as palavras e atos de Jesus expressam a boa notícia do Reino que vem em favor dos desesperados, para lhes dar esperança de libertação. Para os pecadores, o perdão; para os doentes, a cura; para os endemoniados, a libertação. Essa notícia vem concretamente com o Reino. Ele expressa a acolhida e a misericórdia de Deus que se revela em favor de seu povo.

Até aqui, fizemos uma caminhada, demonstrando a centralidade do Reino de Deus no anúncio de Jesus. Tal anúncio não foi somente direcionando os pobres da época, mas, ele novamente é realizado para o povo sofrido de hoje, que será identificado em analogia aos *'anawin*, os pobres de Israel. Em cada parte aqui discutida, apresentando a vias do teólogo Sobrino, ressoa profundamente em nós o anúncio. Num continente que continua sendo oprimido por atitudes anti-reino, de projetos socioeconômicos e religiosos de morte, a mensagem de Jesus, anunciada por tantos, continua viva e eficaz. É preciso abrimos o coração e carregar na vida as palavras e ações de Jesus, pois, pelo batismo, somos os novos 'cristos', ou seja, precisamos sempre novamente atualizar a encarnação em nosso mundo, ser presença do Reino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa, vimos que a centralidade do Reino de Deus está presente na vida e na pregação de Jesus e essa constatação foi nos mostrada a partir das reflexões de Jon Sobrino. O teólogo estabelece uma correlação fundamental entre Jesus e o Reino de Deus. De modo que para compreender o Reino é preciso ir a Jesus e, ao mesmo tempo, para compreender Jesus, é preciso ir ao Reino de Deus. Esta correlação é estabelecida a partir da relação de intimidade de Jesus com o Reino por ele anunciado, sua mediação definitiva e absoluta.

Jesus falou do Reino e o demonstrou a partir de seus atos e da parcialidade dele em partido dos pobres, mas nunca o define. Como vimos, o caminho para a inteligência do Reino proposto por Sobrino foi feito em três vias: a Via nocional, que parte da averiguação do Reino a partir da expectativa histórica das Escrituras hebraicas e dos evangelhos sinóticos, segundo as noções de Reino em Jesus e seus contemporâneos e evidencia a novidade anunciada por Jesus; A Via do destinatário do Reino, o pobre, indica a quem, por excelência é anunciada a boa nova do Reino; e por fim, a práxis de Jesus, apresenta em palavras e atos de Jesus, anunciando e vivenciando a Boa Nova

Sobrino nos mostrou que o Reino é a vida justa dos pobres aberta sempre a possibilidades de libertação. É a utopia que se concretiza na história. Sobretudo, o Reino de Deus é graça. É iniciativa de Deus e não somente vontade e desejo do homem. O Reino é também boa notícia, é salvação e libertação dos oprimidos. Constatamos no decorrer desse trabalho, que essa boa notícia é elucidada com os milagres e o perdão dos pecados, sinais da chegada do Reino, sinais de libertação, onde compreendemos Jesus não a partir de si, mas a partir de seu Reino, onde por essência, a sua pessoa aparece como alguém que está a serviço. Essa essência é relacional e não absoluta em si mesma.

A partir de tudo que vimos, podemos dizer que o contato com Jesus só será possível na atitude de serviço ao Reino. O contato do homem e mulher com Jesus, não será em primeiro lugar uma relação de aclamação cúlrica ou de adoração, mas de seguimento/imitação de Jesus como serviço. É a partir dessa afirmação da relacionalidade do Reino e de Jesus que se pode afirmar a correlatividade entre o povo de Deus e Reino de Deus. Haverá Reino de Deus quando houver pessoas

disponíveis ao projeto messiânico. Quando a humanidade chegar a ser um só povo verdadeiro no qual se estabeleçam as relações de justiça, fraternidade, então estará se desdobrando, em via de realização, o Reino de Deus proclamado por Jesus.

Diante do itinerário percorrido neste trabalho, ficou evidenciado que o centro da vida e a missão de Jesus foi anunciar a novidade do Reino, proclamando a Boa Nova, mudando a realidade daqueles que o acolheram. Uma novidade que se estende a todos, para assim, se tornarem continuadores desse projeto messiânico, anunciando e vivenciando o Reino de Deus.

Por fim, a pesquisa e os dizeres teológicos sobre o Reino de Deus sempre farão parte de nossa missão. Tal missão deve ter os pés fincados na vida dos homens e mulheres para que nossa teologia e pastoral estejam estritamente vinculadas a Boa Nova que se dá na encarnação de vidas concretas e na ação do Espírito.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOMBONATTO, I. **Seguimento de Jesus**. Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Jesus libertador**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Missão dos leigos e leigas na evangelização**. São Paulo/SP: Paulus, 2010.
- DOCUMENTO DE MEDELLÍN. **Documentos do Celam**. São Paulo: Paulus, 2005.
- DOCUMENTO DE PUEBLA. **Documentos do Celam**. São Paulo: Paulus, 2005.
- ELLACURIA, I., SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis*. Conceptos fundamentales de la teología de la liberación. Madrid: Editorial Trotta, 1990. p. 576.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANÇA MIRANDA, Mário de. **A teologia de Medellín**. In: SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. (Org.). **Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- FAUS, José Ignacio Gonzáles. **La Humanidad Nueva: Ensayo de Cristologia**. 8. Ed. Santander: Sal Terrae, 1984.
- FERRARO, Benedito. **Cristologia**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2004
- JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977.
- JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1970.
- MANZATTO, Antonio. **Cristologia latino-americana**. In: SOUZA, Ney (Org.). **Temas de teologia latino-americana**. São Paulo: Paulinas
- RUBIO, Alfonso Garcia. **O encontro com Jesus Cristo vivo**. São Paulo: Paulinas, 1994.
- STEIN, Frederico. **Dicionário enciclopédico da bíblia**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1971.
- SOBRINO, J. **Jesus, o libertador. I – A história de Jesus de Nazaré**. Série II: o Deus que liberta seu povo. Col. Teologia e libertação. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SOBRINO, J. **Jesus Na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia**. São Paulo:Loyola, 1985.

SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico. Petrópolis, Vozes, 1983.

STORNILO, Ivo. **Como ler o Evangelho de Mateus**: o caminho da justiça. São Paulo: Paulus, 2014.